

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# PARA FAZER E ENSINAR JORNALISMO CIENTÍFICO: UMA EXPERIÊNCIA DA AGÊNCIA ESCOLA UFPR

**Claudia Irene Quadros; clauquadros@gmail.com<sup>1</sup>**

**Chirlei Diana Kohls; chirleidiana@gmail.com<sup>2</sup>**

**Larissa Drabeski; laridra@gmail.com<sup>3</sup>**

**Bruno Caron Ferreira; brucaron.ferreira@gmail.com,<sup>4</sup>**

## RESUMO

Discutimos aqui uma proposta para fazer e ensinar o jornalismo científico a partir da experiência da AE - Agência Escola UFPR. A AE foi criada, em 2018, para dialogar com o público sobre ciência para além dos muros da Universidade. Neste artigo, o nosso foco está na formação de bolsistas que participaram de um curso sobre jornalismo científico com profissionais do mercado e acadêmicos de várias instituições. Além de analisar a percepção desses estudantes sobre o conteúdo do curso, apresentamos a contribuição do público envolvido na extensão universitária. Por meio da teoria e da prática, o papel do jornalismo científico é trazido para o contexto da comunicação pública da ciência. A análise de conteúdo foi a metodologia adotada para estudar os resultados da pesquisa feita com os participantes e os ministrantes do curso sobre jornalismo científico. A colaboração e o diálogo contribuíram para o desenvolvimento dos trabalhos da AE.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação. Agência Escola UFPR. Comunicação Pública. Divulgação científica. Extensão.

## 1. A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO EM JORNALISMO CIENTÍFICO

Esta pandemia da Covid-19 mostrou ainda mais a necessidade de uma formação específica em jornalismo científico, pois exigiu dos jornalistas o conhecimento mais

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade de La Laguna, Espanha. Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha. Professora do DECOM e do PPGCOM da Universidade Federal do Paraná. É orientadora da Agência Escola UFPR.

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Paraná. É jornalista da Agência Escola UFPR.

<sup>3</sup> Doutoranda e mestre em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Paraná. É bolsista da Agência Escola UFPR.

<sup>4</sup> Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Paraná. É bolsista da Agência Escola UFPR.



REALIZAÇÃO



APOIO



aprofundado sobre as consequências de um vírus que matou mais de 5 milhões de pessoas em todo o mundo de 2019 até março de 2022, segundo o painel da Universidade Johns Hopkins<sup>5</sup>.

Durante muito tempo, no Brasil, a formação de jornalistas e de divulgadores da ciência ocorreu, como destacam Graça Caldas e Mônica Macedo (2001), de forma autodidata. O interesse por uma cobertura científica mais especializada se intensificou nas últimas décadas e as iniciativas pioneiras no ensino da graduação, como o curso de extensão ministrado pelo professor espanhol Manuel Calvo Hernando, realizado em 1972 na Escola de Comunicação e Artes da USP, serviram de inspiração para o surgimento de outros cursos no país.

O esforço destes pesquisadores e jornalistas preocupados com a formação especializada em jornalismo científico tem resultado em outras experiências inspiradoras. Desde o dia 4 de fevereiro de 2019, por exemplo, existe a RedeComCiência - Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência<sup>6</sup>. Fundada em São Paulo, essa rede conta com profissionais de várias partes do país que compartilham conhecimento de diferentes formas para melhorar a qualidade do jornalismo e da comunicação sobre ciência.

A RedeComCiência também participou do primeiro curso de jornalismo científico organizado pela Agência Escola de Comunicação Pública UFPR, da Universidade Federal do Paraná. Criada em 2018, a Agência Escola (AE)<sup>7</sup> também está preocupada com a formação de estudantes, de docentes e da comunidade. Por isso, a capacitação é desenvolvida com foco no diálogo com todos os públicos citados envolvidos em seu projeto de extensão universitária.

A partir da questão problema: De que modo um curso de extensão sobre jornalismo científico pode contribuir para o desenvolvimento da comunicação pública da ciência?, refletimos sobre quatro eixos teóricos: comunicação pública da ciência, divulgação científica, jornalismo científico e extensão universitária.

<sup>5</sup> <https://coronavirus.jhu.edu/>. Acesso em 05 de março de 2022.

<sup>6</sup> <https://www.redecomciencia.org/> Acesso em 06 de março de 2022.

<sup>7</sup> [http://www.agenciacomunicacao.ufpr.br/site/?page\\_id=3398](http://www.agenciacomunicacao.ufpr.br/site/?page_id=3398) Acesso em 06 de março de 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



Além de apresentar a proposta do curso de extensão de jornalismo científico, trazemos alguns resultados de uma pesquisa *survey* com seus ministrantes e participantes. Os resultados foram estudados a partir da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016).

Ainda que existam mais iniciativas para a formação de jornalistas e comunicadores para a cobertura da ciência do que no passado, é importante ressaltar que nem todos os cursos de comunicação e/ou jornalismo do país apresentam em suas matrizes curriculares a disciplina de jornalismo científico. Deste modo, acreditamos que a experiência aqui destacada pode incentivar o desenvolvimento de outras atividades de extensão que possam promover o debate sobre a ciência com a sociedade.

Nesta pandemia, foi possível ver a importância da sociedade conhecer a ciência. A divulgação sobre os cuidados que deveriam ser tomados para evitar o contágio da Covid-19 tem sido intensa em todos os meios de comunicação. As redes sociais digitais também têm propagado esses cuidados com a saúde e o combate contra as *fake news* que surgem nestes e outros meios. Há mais de 100 anos, na pandemia da gripe espanhola, o mundo perdeu entre 50 a 100 milhões de pessoas, aproximadamente 5% da população mundial (LOPES, 2018). Logo, os números de mortes da pandemia da Covid-19 - ainda que assustadores, pois toda vida importa - mostram como a ciência avançou e como é importante que a sociedade participe do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, reforçamos a importância de uma formação especializada para comunicar a ciência. Com mais profissionais capacitados, a sociedade se beneficia com o consumo de conteúdo de qualidade e, conseqüentemente, pode adquirir conhecimento para o seu desenvolvimento e da própria ciência.

## **2. COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E JORNALISMO CIENTÍFICO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Neste tópico mostramos como a extensão universitária dialoga com o conceito teórico de comunicação pública da ciência. Ao considerarmos a extensão como um espaço que integra a universidade com a sociedade para que, por meio do diálogo, possa construir conhecimento a partir de diversos saberes, destacamos Freire (1977, p.



REALIZAÇÃO



APOIO



36): “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”.

Assim como a extensão que prevê a troca de saberes a partir do diálogo, a Comunicação Pública da Ciência (CPC) também defende a discussão da ciência de forma aberta entre cientistas e sociedade. Por isso, a CPC exerce papel fundamental para o acesso ao conhecimento científico que impacta de diversas formas a vida das pessoas, ajudando ao mesmo tempo a democracia e o cidadão (CASTELFRANCHI, 2010; MANSO, 2015; HERNANDO, 2003). Quando se trata da sociedade, a CPC tem utilidade instrumental para tomar decisões pessoais racionais e informadas a partir da compreensão de ciência e tecnologia. Por outro lado, existe também um valor estético, intelectual e moral da cultura científica que os cidadãos têm o direito de usufruir e apreciar (CASTELFRANCHI, 2010).

O autor ainda aponta que “[...] a comunicação pública da ciência é vista não apenas como um instrumento para gerar uma opinião pública competente e informada, mas também como uma maneira de contribuir para a formação e atualização de trabalhadores e para atrair jovens para carreiras tecnocientíficas” (CASTELFRANCHI, 2010, p. 13). Quando se trata do fazer científico, a Comunicação Pública da Ciência também abarca a discussão de uma ciência aberta, “mantendo a centralidade da dinâmica do cidadão como sujeito informacional ativo” (MANSO, 2015, p. 4).

Bruno Lara de Castro Manso (2015) aborda a CPC como um espaço de oportunidades para diálogos, sendo importante ao trazer para o centro dos debates o cidadão não especializado em ciência. “Tal posicionamento do cidadão, podendo assumir protagonismo científico, é algo desafiador, inclusive no sentido epistemológico, do que venha a ser esse cidadão revestido de capacidade e responsabilidade científico-social (e política) na contemporaneidade” (MANSO, 2015, p. 2). O autor ainda elenca a observação da questão legal no questionamento de medidas quanto ao direito intelectual e autoral, do âmbito técnico quanto ao compartilhamento de dados e da dimensão social da proximidade da CPC e da ciência aberta.



REALIZAÇÃO



APOIO



Nesse sentido, “[...] o conceito de Comunicação Pública da Ciência está diretamente associado ao processo de abertura científica e dialoga com a perspectiva de um cidadão ativo que assume a centralidade desse processo e se beneficia dele” (RIBEIRO; QUADROS; MELO; KOHLS, 2021, p. 5). Partindo da CPC, situamos os conceitos e a prática da divulgação científica e do jornalismo científico. “A divulgação científica está inserida em uma esfera maior que é a da comunicação pública da ciência” (COSTA; SOUSA; MAZOCCO, 2010, p. 151), com o papel da democratização do acesso ao conhecimento científico (BUENO, 2010; TARGINO; TORRES, 2014). A divulgação científica “contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre temas especializados e que podem impactar sua vida e seu trabalho, a exemplo de transgênicos, células tronco, mudanças climáticas, energias renováveis e outros itens” (BUENO, 2010, p. 5).

Com uma linguagem mais acessível, num processo de tradução da ciência para um público mais amplo, a divulgação científica pode ser vista como uma extensão do conhecimento, como propõe Manuel Calvo Hernando (2003):

A informação científica direcionada ao público permite que uma sociedade esteja atualizada na maior aventura da espécie humana deste século, que é a extensão do conhecimento. [...] o público tem o direito de ser informado sobre os avanços da ciência e da tecnologia, não só por causa do que significam para o conhecimento, mas porque levam a uma melhoria na sua qualidade de vida. A divulgação da ciência nos meios de comunicação é uma prática democrática, pois oferece às maiorias o conhecimento das minorias, no exercício da mais exigente e complexa democracia, a democracia da cultura. (HERNANDO, 2003, p. 207, tradução nossa).

Vale ressaltar que a divulgação científica vai além da mídia, abrangendo outros campos e atividades, mas incorpora também o jornalismo científico. Comprometido com a função de divulgar a ciência, o jornalismo científico assume a inter-relação estreita e contínua com a ciência para intensificar a divulgação de informações em linguagem acessível ao grande público (TARGINO; TORRES, 2014). “Isto significa dizer que, independentemente da terminologia utilizada, todos os esforços são válidos quando a proposta é romper a apatia da população, haja vista que o desinteresse e o desconhecimento do povo brasileiro em relação à ciência e à tecnologia são fatores



REALIZAÇÃO



APOIO



impeditivos do processo desenvolvimentista do país [...]” (TARGINO; TORRES, 2014, p. 9).

Ao pensar a prática do jornalismo científico, é importante lembrar de lógicas de produção do campo jornalístico, como critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005; SILVA, 2005). Ao investigar a rede de critérios de noticiabilidade, Gislene Silva (2005, p. 96) aponta a noticiabilidade “como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia”, citando julgamentos pessoais do jornalista, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais, entre outros.

Para Bueno (2010, p. 4), “a divulgação da C&T pela imprensa (que ocorre prioritariamente graças ao jornalismo científico) incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação”. Quando se trata de mediações, podemos considerar a mediação de institucionalidade (MARTÍN-BARBERO, 2009) atravessando as rotinas produtivas jornalísticas, com linhas editoriais nas organizações. Densa de interesses e poderes contrapostos, a mediação de institucionalidade afeta especialmente a regulação de discursos, que por parte do Estado buscam dar estabilidade à ordem constituída, e por parte dos cidadãos buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Logo, a Comunicação Pública da Ciência quando atrelada a um projeto de extensão reforça a ideia de democracia, pois permite por meio do diálogo trocas constantes e recíprocas entre instituições e atores sociais. Neste sentido, procuramos refletir sobre o modelo de participação pública descrito por Bruce V. Lewenstein (2003) para o avanço da ciência. Entre as atividades destacadas pelo autor, estão avaliações deliberativas de tecnologia, oficinas de ciências, pesquisas e reuniões com a sociedade para debater a ciência e tecnologia. Para ele, o modelo de diálogo destina-se a buscar a importância da opinião pública em questões de ciências. Não se trata de dar controle da ciência ao público, mas sim da democratização da ciência com cidadãos mais participativos e empoderados.



REALIZAÇÃO



APOIO



As atividades extensionistas da Agência Escola UFPR não são, portanto, apenas de divulgação científica. Elas têm o compromisso de formar um cidadão ativo, por isso em seu planejamento existem diversas maneiras de dialogar com o público. O curso promovido pela AE é uma dessas iniciativas que propõe discutir com a comunidade formas de fazer o jornalismo científico no contexto da comunicação pública da ciência.

### 3. O CURSO DE JORNALISMO CIENTÍFICO DA AE

Aliando teoria e prática, o curso descrito aqui tem como objetivo principal aprofundar conceitos e experiências do jornalismo científico para estimular a percepção crítica da produção de conteúdo. O curso faz parte do eixo de formação da Agência Escola UFPR, que promove o diálogo entre bolsistas de graduação e pós-graduação e pesquisadores, professores, especialistas e profissionais que atuam no mercado de trabalho. Esse diálogo com a comunidade, como destacado anteriormente, é um dos principais pilares da extensão e da Comunicação Pública da Ciência.

Foram convidados para ministrar as aulas pesquisadores, jornalistas e especialistas em diferentes vertentes do jornalismo, com foco na divulgação científica. Entre os participantes, estavam bolsistas de graduação e pós-graduação e a equipe de jornalismo da Agência Escola<sup>8</sup>, profissionais de unidades parceiras, como a Assessoria a Projetos Educacionais e Comunicação do Setor de Ciências Biológicas e a Superintendência de Comunicação e Marketing da UFPR. Para determinados módulos do curso, bolsistas de outros núcleos da AE, como Design, Audiovisual, Planejamento e Redes Sociais, também participaram.

Em edições futuras, pretende-se abrir mais vagas para a comunidade externa e, assim, estabelecer diálogos mais próximos com a sociedade. Vale ressaltar, no entanto, que o curso de formação contribuiu para o desenvolvimento de atividades que são realizadas na AE com base no conceito de Comunicação Pública da Ciência.

<sup>8</sup> A Agência Escola UFPR é composta por um grupo multidisciplinar, dividido em diferentes Núcleos, com bolsistas de graduação, pós-graduação e docentes de vários cursos e programas, técnicos-administrativos e profissionais da área da comunicação.



REALIZAÇÃO



APOIO



O curso foi realizado de 5 de agosto a 21 de outubro de 2021, com encontros semanais de forma remota. A carga horária foi de 25 horas, dividida em 11 aulas, incluindo duas aulas para a atividade final, na qual os participantes, em equipes, sugeriram ações e produtos de jornalismo científico a partir das discussões no curso. Os módulos, descritos no quadro 1, foram ministrados por pesquisadores, profissionais e especialistas em divulgação científica.

Os ministrantes foram convidados de acordo com a atuação em cada vertente do jornalismo científico ou da divulgação científica, variando entre alcance regional, nacional e internacional. Importante citar que os ministrantes convidados participaram de forma gratuita com estímulo às trocas de conhecimento, nesse caso dentro da universidade pública. Assim, o curso foi totalmente gratuito também para os participantes - houve emissão de certificado tanto para ministrantes quanto para participantes. Esse movimento e rede que foi construída com ministrantes e participantes reforça a importância da extensão universitária e da coletividade no fazer e ensinar jornalismo científico, o que foi discutido e trazido pelos ministrantes em diferentes aulas do curso.

QUADRO 1. MÓDULOS DO CURSO DE JORNALISMO CIENTÍFICO

| MÓDULO   | OBJETIVO   | MINISTRANTE   |
|--|--|---|
| 1. Conceitos e experiências de jornalismo científico | Discutir conceitos e experiências da prática jornalística e da divulgação científica                     | Meghie Rodrigues, vice-presidente da RedeComCiência e jornalista de ciência e meio ambiente                         |
| 2. Jornalismo científico e assessoria de imprensa    | Estudar o papel da assessoria de imprensa como popularização da ciência                                  | Natalia Flores, jornalista de ciência e pesquisadora de divulgação científica e gerente de conteúdo da Agência Bori |
| 3. O texto no jornalismo científico”                 | Aprofundar técnicas de escrita e apuração jornalística para divulgação científica em diferentes meios de | Amanda Milléo, jornalista de saúde, mestre em Comunicação pela UFPR   |

|   | comunicação   |  |
|---|---|--|
| 4. Ciência e produção radiojornalística               | Aprofundar técnicas e fluxos da produção, apuração e locução na reportagem radiojornalística para divulgação científica | Lenise Klenk, jornalista e mestre em Comunicação pela UFPR. Professora de Radiojornalismo da PUC-PR  |
| 5. A ciência na reportagem telejornalística           | Aprender processos e lógicas de reportagens em televisão sobre ciência  | Helen Anacleto, jornalista e doutoranda em Comunicação pela UFPR. Repórter da RPC, afiliada da Rede Globo no Paraná  |
| 6. Narrativas audiovisuais para divulgação científica | Explorar narrativas audiovisuais para divulgação científica, com foco nas reportagens multimídia                        | Almudena Muñoz Gallego, pesquisadora na Faculdade de Ciências da Informação na Universidad Complutense de Madrid   |
| 7. Podcasts e a divulgação científica                 | Analisar o consumo e a produção de podcasts para popularização da ciência   | Marina Monteiro, mestre em Ciências pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo, participa como produtora de conteúdo do podcast Dragões de Garagem e desenvolve pesquisas para o Atila Iamarino<br><br>Marina Tomás é mestrandia em Sociologia pela UFMG. Também faz produção do Dragões da Garagem |
| 8. Influenciadores e ciência nas mídias sociais       | Compreender a atuação dos influenciadores digitais para a popularização da ciência e circulação de conteúdos            | Mellanie Fontes-Dutra, biomédica e pesquisadora (UFRGS), divulgadora científica pela Rede Análise COVID-1<br><br>Lucas Zanandrez, biomédico e divulgador científico no Olá, Ciência!   |



REALIZAÇÃO



APOIO



|   |  |  |
|---|--|--|
| 9. A divulgação Científica na Agência Escola UFPR | Relacionar os conteúdos ministrados nos demais módulos com as atividades da AE | Chirlei Kohls, jornalista da AE, doutoranda em Comunicação pela UFPR e responsável pela proposta do curso de jornalismo científico da AE |
|---|--|--|

FONTE: Planejamento da Primeira edição do curso de Jornalismo Científico da AE (2021).

Os módulos foram planejados para discutir o papel do jornalismo científico dentro do contexto da Comunicação Pública da Ciência, com a intenção de complementar a formação de estudantes bolsistas que cursam a graduação em jornalismo, *a priori*. Na UFPR, não existe uma disciplina específica de jornalismo científico na sua matriz curricular, tal como ocorre em diversas instituições de ensino do país (CALDAS; MACEDO, 2001). Ainda que o jornalismo científico seja ministrado de forma transversal nas disciplinas de laboratório e redação, principalmente, por possuírem docentes com conhecimento específico na área, compreendemos que há necessidade de ampliar a carga horária sobre o tema.

A proposta do curso de jornalismo científico da Agência Escola surge num momento da pandemia de Covid-19, que revelou a necessidade de uma formação mais específica para comunicar de forma compreensível assuntos sobre o tema. O interesse da sociedade em ciência também cresceu neste período, o que estimulou os jornais a se aprofundarem mais no assunto. Uma pesquisa do centro de estudos Sou\_Ciência (Sociedade, Universidade e Ciência), por exemplo, mostrou aumento na valorização do SUS (Sistema Único de Saúde), ciência e universidades pela população brasileira na pandemia – a importância da ciência era vista como altíssima por 47%, antes da pandemia, e passou para 70% em 2021<sup>9</sup>.

A atividade final do curso consistiu em um trabalho prático em que os participantes precisaram apresentar a proposta de um novo produto/programa/ação para a Agência Escola ou a reformulação de um já existente, pensando a partir dos tópicos desenvolvidos durante o curso para visar o aprimoramento do conteúdo e da

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/amp/equilibrioesaude/2021/08/sus-ciencia-e-universidades-se-valorizam-na-pandemia-sugere-pesquisa.shtml?\\_\\_twitter\\_impression=true](https://www1.folha.uol.com.br/amp/equilibrioesaude/2021/08/sus-ciencia-e-universidades-se-valorizam-na-pandemia-sugere-pesquisa.shtml?__twitter_impression=true). Acesso em: 06 março de 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



linguagem. Entre as propostas, estão cursos para debater a acessibilidade nos conteúdos e produtos desenvolvidos pela Agência Escola UFPR; a criação de podcast para estimular o interesse pela ciência no público infantil e dialogar com a comunidade sobre ciência em espaços públicos, como terminais de ônibus, escolas etc. As sugestões, nesse sentido, procuram envolver diferentes públicos para divulgar e debater a ciência de forma democrática.

A fim de compreender a percepção sobre o curso de jornalismo científico, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos ministrantes dos módulos, foram aplicadas pesquisas de opinião do tipo *survey*, desenvolvida com o uso do Google Forms. Para analisar as respostas abertas ao questionário foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Os nove ministrantes do curso responderam ao formulário entre os dias 6 e 29 de outubro de 2021. Uma das perguntas do questionário buscava identificar de onde veio o primeiro contato dos ministrantes com o jornalismo científico ou com a comunicação científica. Seis dos nove respondentes disseram que esse contato ocorreu na universidade ou no trabalho (nesta questão, era aceita mais de uma resposta), enquanto três deles apontaram a opção de congressos científicos.

A relação da experiência profissional com o jornalismo científico ficou mais evidente em uma questão aberta, que perguntava o porquê do profissional ter se interessado pelo Jornalismo Científico. Três respondentes destacaram a relação com o trabalho, conforme a resposta destacada a seguir:

[Trecho 1] Embora eu tenha passado por uma disciplina de jornalismo científico na faculdade, eu fui me interessar de verdade quando comecei a trabalhar na cobertura de saúde. O assunto me fisgou pela possibilidade de explicar temas complexos, mas de uma forma didática.

Outro aspecto que foi apontado como motivador para atuação com jornalismo científico foi a própria relação do pesquisador com a sociedade:

[Trecho 2] Porque es una comunicación indispensable para nuestra sociedad y olvidada desde el punto profesional.



REALIZAÇÃO



APOIO



Nesse sentido, a pandemia do novo coronavírus vivenciada desde março de 2020 no Brasil também é mobilizada por dois dos respondentes para justificar a relação com o jornalismo científico.

[Trecho 3] A pandemia impõe pautas que nos desafiam a mergulhar no jornalismo científico.

Outros elementos destacados pelos participantes foram ainda a atuação como professor do ensino superior (trecho 4) e a relação familiar (trecho 5).

[Trecho 4] Embora algumas experiências no mercado jornalístico tenham me aproximado desse segmento, minha atuação como docente é que fortalece meu interesse e mais me aproxima do jornalismo científico e da comunicação institucional de pautas científicas.

[Trecho 5] Sou apaixonada por ciência desde pequena, pois meu pai é pesquisador. Foi um caminho natural seguir para o jornalismo científico quando tive a chance.

As respostas demonstram que as motivações para a atuação com o jornalismo científico são diversas.

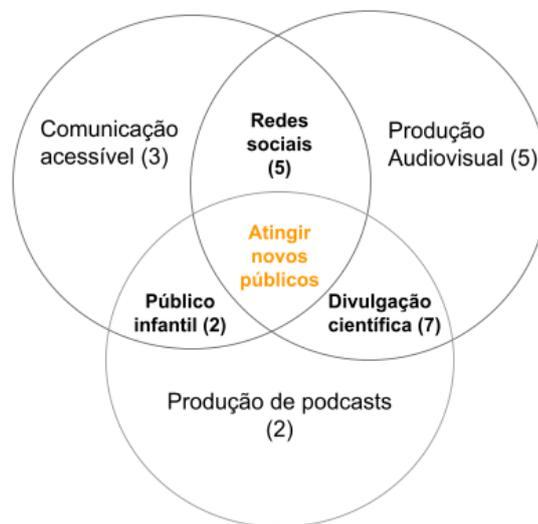
Na pesquisa, a opinião dos ministrantes sobre a iniciativa também foi investigada. Os participantes foram questionados sobre a sua visão quanto à iniciativa da AE em realizar curso de Jornalismo Científico para aprimorar a formação na área e também quanto à temática sugerida pelos organizadores do curso para ser abordada na aula de cada ministrante. Em ambas as questões, todos os participantes assinalaram nota 5, a nota mais alta de uma escala de 1 a 5. As respostas apontam que os ministrantes consideram relevante a proposta do curso realizada pela AE.

Já o questionário direcionado aos participantes do curso, aplicado de 25 a 29 de outubro de 2021, teve 15 respondentes. Todos os respondentes consideraram que o curso atingiu o objetivo de contribuir com a formação na área. O mesmo com o questionamento se o curso estimulou e desencadeou ideias que podem ser desenvolvidas na AE ou no local de trabalho.

Em uma pergunta aberta, os participantes também foram questionados sobre quais ideias surgidas a partir dos conteúdos ministrados no curso eles gostariam de

desenvolver na AE ou no seu local de trabalho. O conteúdo das 15 respostas obtidas foi categorizado e representado em um Diagrama de Venn<sup>10</sup> (figura 1):

FIGURA 1 : IDEIAS DOS PARTICIPANTES DO CURSO



Fonte: Relatório de pesquisa sobre o curso de jornalismo científico ( 2022).

O aspecto mais citado diz respeito à divulgação científica, categoria que abarca sete respostas, conforme exemplo abaixo:

[Trecho 6] Gostaria de levar conteúdo científico para as ruas, sair das tecnologias de comunicação e explorar o espaço urbano para conquistar novos públicos.

Produções audiovisuais também estiveram entre as ideias fomentadas a partir do curso e foram citadas por cinco dos respondentes, conforme exemplo:

[Trecho 7] Tive a ideia de implementar vídeos curtos animados sobre divulgação científica a partir da experiência da Professora Almudena<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> MARTINS, Maria Eugénia Graça. Diagrama de Venn. **Revista de Ciência**, 2014.

<sup>11</sup> Um das ministrantes do curso.



REALIZAÇÃO



APOIO



Outras ideias apresentadas pelos respondentes dos questionários dizem respeito à comunicação nas redes sociais, citada em cinco respostas, conforme o exemplo no trecho 8.

[Trecho 8] Gostaria de desenvolver mais conteúdo para as redes sociais para popularizar o conhecimento científico.

Os participantes da pesquisa demonstraram ainda o interesse em tornar a comunicação mais acessível, aspecto citado em três respostas (conforme exemplo do trecho 9) e buscar formas de atingir o público infantil, visão que foi pontuada por dois respondentes (conforme exemplo do trecho 10).

[Trecho 9] Gostaria de aprofundar a comunicação acessível para desenvolvê-la nas redes sociais da AE.

[Trecho 10] Adorei a ideia do podcast sobre ciências para crianças, acho que poderíamos alcançar novos públicos.

Como elemento comum entre as respostas observamos o interesse em atingir novos públicos. As sugestões apresentadas pelos participantes surgiram a partir de um curso de extensão de jornalismo científico promovido pela AE. Todos os respondentes se sentiram inspirados para aplicar novas ideias na AE ou nos seus respectivos locais de trabalho. Algumas das propostas já foram apresentadas anteriormente neste tópico do artigo, aqui reforçamos a preocupação de ministrantes e participantes do curso de jornalismo científico em envolver a sociedade num tema diário do nosso cotidiano: a ciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa primeira edição do curso foi desenhada para capacitar bolsistas de graduação e pós-graduação e profissionais que estão diretamente envolvidos com as atividades da Agência Escola de Comunicação Pública UFPR. Os resultados da pesquisa de opinião com os ministrantes e participantes do curso de Jornalismo



REALIZAÇÃO



APOIO



Científico da AE mostraram a preocupação desses públicos com a comunicação da ciência para incentivar a participação da sociedade. As aulas também estão sendo empacotadas com tempo um pouco mais reduzido para serem disponibilizadas gratuitamente em formato que dialoga com o canal do YouTube da Agência UFPR<sup>12</sup>, buscando assim alcançar mais públicos interessados na capacitação em jornalismo científico. Em edições futuras, espera-se ampliar o curso para interessados da comunidade externa.

Nesta fase do projeto de extensão, a Agência Escola procurou trazer elementos básicos para compreender o jornalismo científico no contexto da Comunicação Pública da Ciência. Além da capacitação de estudantes e profissionais da comunicação em jornalismo científico, o curso também procurou incentivar a busca de novas propostas para dialogar com o público. No artigo, destacamos algumas sugestões que procuram assumir o compromisso de fazer ciência para e com a sociedade.

A análise dos dados das pesquisas aplicadas após a realização do curso demonstra a visão positiva da iniciativa. Por parte dos ministrantes, destacamos a avaliação positiva da proposta do curso para aprimorar a formação na área do Jornalismo Científico. Com relação aos participantes, as respostas que demonstram as ideias fomentadas a partir da formação e que podem ser aplicadas no dia a dia de trabalho também reforçam a importância da iniciativa.

Compreendemos que o modelo de participação do público na ciência pode envolver muitas atividades extensionistas que permitem a troca de saberes entre cientistas e sociedade. Também compreendemos que a Comunicação Pública da Ciência, o jornalismo científico, a divulgação e a extensão universitária dialogam entre si e a partir deles é possível fortalecer o engajamento do público para a defesa e a evolução da ciência.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

<sup>12</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCloK3OVRlvPtFchtufm1xvA> Acesso em 06 de março de 2022.



REALIZAÇÃO



APOIO



BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Revista Informação & Informação**, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/QRktJq>>. Acesso em: 15 jul. de 2021.

CASTELFRANCHI, Yuri. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: MASSARANI, Luisa. **Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana**. Rio de Janeiro: Fiocruz, COC, Museu da Vida, 2010.

CALDAS, Graça; MACEDO, Mônica. A formação de jornalistas científicos no Brasil. **Revista Fapesp**. São Paulo: Fapesp, 2001. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-formacao-de-jornalistas-cientificos-no-brasil/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; SOUSA, Cidival Morais de; MAZOCCO, Fabrício José. Modelos de comunicação pública da ciência: agenda para um debate teórico-prático. **Conexão - Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, jul./dez., 2010.

FREIRE, Paulo, Extensão e comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Divulgación y periodismo científico: entre la claridad y la exactitud**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

LEWENSTEIN, Bruce V. Models of Public Communication of Science & Technology. **Public Understanding of Science**, p.288-293, 2003.

LOPES, Reinaldo José. Há cem anos, gripe espanhola matou mais de 50 milhões e deixou enigmas. **Folha de S. Paulo**, 08 de janeiro de 2018. Disponível em <https://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/01/1948677-ha-cem-anos-gripe-espanhola-matou-mais-de-50-milhoes-e-deixou-enigmas.shtml>. Acesso em 06 de março de 2022.

MANSO, Bruno Lara de Castro. **A comunicação pública da ciência à luz da ciência aberta: repensando o cidadão como sujeito informacional**. In: XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB), João Pessoa, 2015.

MARTÍN-BARBERO; Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

RIBEIRO, Regiane; QUADROS, Claudia Irene; MELO, Patricia Goedert; KOHLS, Chirlei. **Participação, cidadania e ciência: a experiência Agência Escola de Comunicação Pública da UFPR**. In: Anais do 30º Encontro Anual da Compós, 2021, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2021/trabalhos/participacao--cidadania-e>



REALIZAÇÃO



APOIO



ciencia--a-experiencia-agencia-escola-de-comunicacao-publica-da-ufpr>. Acesso em: 2 set. 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.2, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3kGkdsE>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

TARGINO, Maria das Graças; TORRES, Názia Holanda. Comunicação Científica Além da Ciência. **Revista Ação Midiática**, n. 7, Curitiba, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular; 2005.